

A ABORDAGEM MIDIÁTICA SOBRE A ATIVIDADE POLICIAL

MEDIATIC APPROACH TO POLICE ACTIVITY

MONSEF, Lucio Ferreira ¹
PANATIERI, Cristiane Bianco ²

RESUMO

O presente trabalho retrata o modo de como a mídia seja ela falada, escrita ou em vídeos aborda a violência que cada vez mais está presente no cotidiano da sociedade brasileira. Noticiar crimes virou um negócio de grande rentabilidade para a mídia, visto o quanto de programas que aborda a violência vem ganhando mais espaço em capas de jornais, telejornais e rádios. O público alvo desses programas geralmente são as pessoas de classes sociais de rentabilidade mais baixa, e se pode notar que os focos dessas notícias são sempre apelativos, linguagem de fácil acesso, utilizando muito do senso comum. Basta acompanhar os telejornais na hora do almoço, hora essa em que se tem mais audiência devido ao maior número de telespectadores que mantem uma rotina de trabalho de oito horas, e que talvez seu único tempo de acompanhar o noticiário seja naquele horário. Pode se notar que uma matéria é noticiada de forma reiterada, buscando prender a atenção do público, o sensacionalismo é inerente nesses programas. Logicamente que cabe a mídia não divulgar apenas matérias de cunho violento, deve se ela atentar para mesclar esse tipo de notícia, até mesmo para não passar um clima de insegurança para a sociedade.

Palavras-chave: Mídia. Violência. Notícias. Policial.

ABSTRACT

The present work portrays the way in which the media is spoken, written or in videos, deals with the violence that is increasingly present in the daily life of Brazilian society. Reporting crimes has become a very profitable business for the media, given how many programs that address violence have been gaining more space on newspaper covers, news programs and radios. The target audience for these programs are usually people of lower income classes, and it can be noted that the focus of this news is always appealing, language easily accessible, using a lot of common sense. Just watch the news at lunch time, the time when you have the most audience because of the greater number of viewers who maintains an eight-hour work routine, and perhaps their only time to keep up with the news is at that time. It may be noted that a subject is repeatedly reported, seeking to capture the attention of the public, the

¹ Aluno do Curso de Formação de Praças do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás - CAPM, luciomonsef@hotmail.com; Goiânia – GO, Junho de 2018

² Professor orientadora: Especialista, professora do Programa de Pós-Graduação e Extensão do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás CAPM, panatieri@hotmail.com, Goiânia – GO, Junho de 2018.

sensationalism and inherent in these programs. Of course, it is up to the media not only to divulge stories of a violent nature, they should try to merge this type of news, not to pass a climate of insecurity to society.

Keywords: Media. Violence. News. Cop.

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho que será explanado a seguir trará uma realidade em que vivemos e presenciamos diariamente, iremos abordar o tema violência e de como a mídia aborda a atividade Policial. Mais do que isso será tratado à forma que a mídia fala sobre a segurança pública e a violência que está cada vez em destaque. De que maneira ela é mostrada, seja em telejornais, radio jornal impresso, internet dentre outros meios que são propagadas essas notícias.

Notícias que envolve violência gera para a mídia uma grande audiência comparando, por exemplo, com uma notícia sobre o clima e tempo de determinada cidade. O anseio da população é o de saber como está o seu bairro a sua Cidade o seu País, e de como eles irão reagir com o iminente perigo que os rondam todos os dias.

Vemos o sensacionalismo feito por esses veículos de comunicação, não iremos discutir se é aceitável ou não o modo com que eles tratam as noticia, principalmente as mais violentas. O que se deve colocar em pauta de discussão é de que até que ponto isso interfere na ótica de quem tem acesso a essas informações irá absorver elas sem que se crie algum tipo de insegurança perante eles.

Quando se fala em Segurança Pública vemos que é recorrente a aparição desse tema presente diariamente e em vários horários na mídia falada, escrita e ouvida. Atrelado a isso está e não poderia ser diferente o trabalho da polícia perante esses eventos noticiados por ela. A gama de eventos que a polícia tem que cobrir e gigantesco, ela deve estar presente e atuante e deve responder de forma rápida a um chamado, e tudo que ela fazer será acompanhado de perto pela mídia.

A mídia tem o seu papel, e de muita importância em noticiar e informar a sociedade sobre o que tem importância pública, ser imparcial e descrever o que está acontecendo. Ela aceita críticas e opinião contraria a delas mantendo assim uma democracia de opiniões. Isso é importante para a nossa atividade policial, pois assim

temos o direito de resposta sobre possíveis falácias ditas pela mídia.

Essa espetacularização que é realizada por parte da mídia quando há um caso de repercussão Nacional de certa forma pode atrapalhar a atividade policial. Opiniões devem e podem ser ditas, o que pode ocorrer e de notícias serem ditas por pessoas que não entendem como funciona a atividade policial, e isso pode acarretar em erros de informação.

Com isso queremos uma notícia feita com qualidade, tentando evitar os excessos, mas noticiando sempre à verdade de maneira imparcial e limpa.

2 REVISÃO DE LITERATURA

O artigo trata-se de uma pesquisa de revisão de literatura que foi baseada em artigos, livros, periódicos, dissertações dentre outras fontes de pesquisa, que foram selecionados para atenderem o que foi proposto neste trabalho, que fala sobre o tema: A Abordagem Midiática Sobre a Atividade Policial.

A revisão de literatura tem como finalidade fazer uma análise e uma descrição de um estudo já realizado sobre o assunto, ela abrange todo material que já foi escrito sobre o tema. Segundo (ALVES-MAZZOTII, 2002) a revisão bibliográfica ou revisão de literatura tem como objetivo construir uma contextualização para o problema e ter uma análise das possibilidades presentes na literatura consultada e ter um referencial teórico sobre a pesquisa que está sendo realizada.

2.1 A ABORDAGEM MIDIÁTICA SOBRE A ATIVIDADE POLICIAL

É notório que a abordagem da mídia sobre o trabalho da polícia vem crescendo, a exposição através dos meios de comunicação sejam eles escritos ou televisivos é constante. Até que ponto essa exposição é benéfica ou maléfica para a polícia não sabemos, o que se sabe é que estamos sendo vigiados a todo instante e qualquer conduta que não esteja de acordo com o padrão que se exige da polícia será notícia rapidamente.

Segundo Matias apud Souza, Liliane, o jornalismo tem como princípio a divulgação da informação, ele deve levar até o público os fatos que possam interessar a sociedade para que se tenha o exercício da cidadania.

Justifica-se que, o aumento da divulgação da violência através da mídia está crescendo a espetacularização do ocorrido, se faz um verdadeiro estardalhaço sobre determinado crime, com repetições de imagens, exposição de vítimas e autores, chamadas que fazem com que o público possa vir ficar vidrado aguardando cenas de um próximo capítulo de uma novela, só que essa com enredo real.

Os chamados programas que divulgam notícias policiais investem em várias formas para a divulgação de uma determinada cena, seja mostrando a imagem por ângulos diferentes, como, por exemplo, uma câmera acoplada em um helicóptero, mostrando perseguições alucinantes dentre outros meios. Assim consegue ganhar adeptos de várias classes sociais programas regionalizados que ocupam espaço na grade de televisão principalmente na hora em que o seu público alvo está almoçando, ou seja, na hora do almoço 12:00. Mas esses programas não só se restringem em âmbito estadual eles também ocupam espaço na grade nacional. Variados meios de comunicação duelam a procura dessas imagens exclusivas, e dão enfoque nesses programas que visam o sensacionalismo da ação policial e do crime de uma maneira geral.

A mídia tem esse poder de influenciar a opinião pública, dependendo o jeito que essa notícia e vinculada passa a impressão de apenas uma verdade, sem conhecer a outra versão da história. Por isso se deve ter todo cuidado com a transmissão da informação, uma vez lançada a notícia poderá alcançar proporções inalcançáveis, e se ela não for condizente com a realidade uma simples retratação por parte da mídia não será suficiente para corrigir o erro da falsa informação.

Guareschi (1992) diz que:

Não seria exagero dizer que a comunicação constrói a realidade. Num mundo todo permeado de comunicação – um mundo de sinais- num mundo todo teleinformatizado, a única realidade passa a ser a representação da realidade – um mundo simbólico, imaterial. Uma situação existe, ou deixa de existir, à medida que é comunicada, veiculada. É por isso que a comunicação é duplamente poderosa: tanto porque criar realidades, como porque pode deixar que existam pelo fato de serem silenciadas (GUARESCHI 1992, p.14).

O fato é que o espaço para telejornais que retratam as notícias sobre as atividades policiais, mortes, assaltos, passaram a estar mais presente na programação televisiva, capas de jornais, revistas e nas rádios.

E quando esses programas que expõem de maneira abrangente a violência começaram a ganhar espaço no jornalismo brasileiro. Segundo (RIBEIRO, 2016), o programa Aqui Agora, foi considerado o precursor desse tipo de programa no Brasil,

ele estreou em 1991, nos fins de tarde, copiando o estilo de programa da extinta TV Tupi de 1979. E o grande foco desse programa era reportagens policiais que retratavam o dia sobre, crimes, assassinatos dentre outros.

O jornalismo que reproduz a violência tem grande espaço na grade das principais emissoras do País, seja no jornalismo escrito ou no rádio. Eles destinam horas de sua grade de programação para uma gama de programas que tem o mesmo objetivo, mostrar o quão violento está a sociedade. Onde a violência está em primeiro lugar, seja ele a respeito do tráfico de drogas, homicídio, ação truculenta da polícia. Esses programas têm sempre a mesma intenção, noticiar e fazer certo sensacionalismo com o caso.

De acordo com, Ribeiro, (2014) programas como Cidade Alerta, da Rede Record e Brasil Urgente da Rede Bandeirantes soma mais de 30 horas semanais, em horário considerado de grande audiência que é das 17h00min às 20h00min, horário em que o grande consumidor desse tipo de informação está em casa. O grande alvo do programa é a cobrança das autoridades sobre a crescente onda de violência que assola o País, cobrando delas medidas enérgicas para acabar com o crime.

Os policiais são sempre vistos como heróis por esses apresentadores, mas, basta algum deslize por parte de algum agente de segurança pública que esse policial é cobrado de alguma forma por parte desses apresentadores. E esse sensacionalismo todo acontece através de opiniões contundentes dos jornalistas que divulgam a notícia.

Como se explica o sensacionalismo da imprensa. De acordo com a Enciclopédia Intercon de Comunicação, Melo et al. (2010) Sensacionalismo é:

É conceitualmente empregado tanto no sentido de linguagem quanto no de conteúdo. (a) Qualidade daquilo que é sensacionalista, designa produtos jornalísticos (imprensa marrom, imprensa popular, imprensa sensacionalista) que privilegiam a superexposição a sangue, sexo e crimes. (b) Forma de jornalismo que valoriza o excepcional: desastres, escândalos e monstruosidades. Do ponto de vista da linguagem, sensacionalismo admite referências mais amplas. (MELO, 2010, p. 1100).

A divulgação de notícias sobre violência, atividade policial está presente com mais frequência nos noticiários da televisão em horários em que há um público que está chegando em sua residência e que irá se informar daquelas notícias sobre violência daquele dia. Conforme a notícia passa a ser exibida passa se uma sensação de insegurança para o telespectador, pois o que ele observa nos telejornais é uma crescente onda de violência reproduzida pelos mesmos.

O telespectador se informa pelas imagens, com isso os programas principalmente os televisivos dão o enfoque naquela imagem que acaba ficando na mente da pessoa que está assistindo. Ele acaba sendo uma plateia, angustiante pelo próximo evento que irá chegar até ele, a cada notícia um espetáculo diferente pode ser produzido e divulgado.

Klein (2006), diz que imagem são os textos culturais que são produzidos pelos homens a partir da sua imaginação permitindo criar formas figurativas ou abstratas. Cabe dizer que se guarda no subconsciente a imagem da violência que se acompanhada pela mídia, com isso gera a sensação de insegurança e de medo espalha perante aos que assistem.

Essas notícias transmitidas de forma espetacular é um meio de manter o seu ouvinte atento à próxima matéria que será mostrada, casos que são de uma comoção generalizada.

Segundo Debord (1997) que diz:

O espetáculo apresenta-se como algo grandioso, positivo, indiscutível e inacessível. Sua única mensagem é o que aparece é bom. A atitude que ele exige por princípio é aquela aceitação passiva que, na verdade, ele já obteve na medida em que, na verdade, ele já obteve na medida em que aparece sem replica, pelo seu monopólio da aparência (DEBORD, 1997, p. 17).

E quais as notícias que são mais vistas como espetaculares? Sim as notícias sobre violência, aquelas onde mostram o antes da pessoa que sofreu a violência, fotos alegres e sorridentes fazem com que se passe a sensação realmente de insegurança que a sociedade está vivendo.

Imagens reais e massificadas preenchem a tela e mostram o que a violência está fazendo com pessoas comuns iguais a todos. Gera com isso um desespero por parte de todos que tem acesso à informação naquele momento, o telespectador fica imaginando que poderia ter acontecido o que ele acabará de presenciar consigo mesmo, por um instante faz o pensar sobre a sua própria segurança e de sua família.

Essa espetacularização que a mídia faz através da propagação da violência todos os dias é um meio que ela encontra de manter o seu telespectador imóvel em sua casa atento na próxima notícia que será apresentada. Logicamente quanto mais pessoas assistindo a determinado canal, mais ibope ele terá, e angariarão mais anunciantes e conseqüentemente mais verba para essa emissora.

Qual a influência desse espetáculo perante a sociedade? Debord (1997) diz:

O espetáculo na sociedade representa concretamente uma fabricação de

alienação. A expansão econômica é principalmente a expansão da produção industrial. O crescimento econômico, que cresce para si mesmo, não é outra coisa senão a alienação que constitui seu núcleo original (DEBORD, 1997, p. 26).

Sendo assim pode se falar que a mídia está criando um ser alienado com capacidade de digerir essas notícias de cunho violento sem questionar o emissor da qualidade do que está sendo mostrado para ele naquele momento. A questão não é sobre o que está sendo mostrado, mais sim com que frequência e o porquê das repetidas vezes que é mostrado e massificado aquele assunto.

Quando se é mostrado pela mídia que a violência está em níveis crescentes, taxas de homicídios aumentando, roubo a veículos disparando dentre outros crimes, se observa o quão a polícia é cobrada por esses programas. Quem olha de fora do viés policial pode pressupor que a corporação é de uma incompetência ímpar.

Não se pode generalizar toda abordagem da mídia sobre a atividade policial, é claro que tem programas que são sérios e que buscam mostrar a verdade. Quando é falado sobre essa verdade se quer dizer que, independente quem esteja certo será noticiado a verdade. Nada mais justo do que isso, ao contrário de querer massacrar o trabalho da polícia e só depois apurar se foi verdade ou não.

Se vende a notícia como uma mercadoria, um produto que tem alto custo social, que custa a liberdade, o direito à vida daquele que consome essa mercadoria chamada violência. Esse sensacionalismo que a mídia usa para conseguir seu objetivo que é prender a atenção tem de ser uma linguagem de fácil acesso e de entendimento, por isso é utilizado a linguagem coloquial.

Assim, na ótica do jornalismo, a linguagem deve ser de acordo com Angrimani (1995)

[...] a linguagem sensacionalista não pode ser sofisticada, nem o estilo elegante. A linguagem utilizada é a coloquial, não aquela que os jornais informativos comuns empregam, mas a coloquial exagerada, com emprego excessivo de gíria e palavrões [...]. É uma linguagem que obriga o leitor a se envolver emocionalmente com o texto, uma linguagem clichê (ANGRIMANI, 1995, p. 10).

E com essa abordagem que se consegue fácil acesso perante as classes sociais de escolaridade baixa, pois dessa forma eles compreendem melhor a informação que lhes é repassada. A mídia não cria notícias ela apenas transforma uma notícia que podia ser dada de uma forma simplória e rápida, se transforma em uma notícia maçante e prolongada.

2.2 A VIOLÊNCIA COMO PRODUTO DA MÍDIA

A utilização da linguagem no formato sensacionalista da mídia, tendo como seu carro chefe a violência que ocorre diariamente por todo País não é de exclusividade de um meio de comunicação, todos os meios propagam e massificam esse tipo de notícia. A violência abordada sobre a mídia, torna se um produto com amplo espaço na sua grade televisiva.

A taxa de homicídios, por exemplo, uma grande divulgação que a mídia notícia, tem aumentado ano após ano. A letalidade por parte da polícia e outra vertente que cresceu bastante. De certa forma através dos veículos de comunicação isso se ganha uma repercussão assustadora.

Quando os meios de comunicação de diversos segmentos divulgam algum tipo de notícia e emitem sua opinião com uma chamada apelativa, de certo modo ela está induzindo de forma direta ou indireta a formação de opinião de quem assiste esse tipo de matéria.

A função da mídia e de difundir a notícia e fazê-la chegar aos espectadores, isso torna um produto chamado audiência. Segundo Marcon (2015) como o crime é um produto ele acaba se vendendo quando se mostra problemas sociais, e sendo divulgados aquilo que for mais rentável.

A mídia divulga fatos bastante relativos a violência oriunda das camadas sociais mais baixas e das favelas, segundo Ramos e Paiva (2007) a imprensa realiza um enfoque maior quando o crime é realizado na favela e periferias, os profissionais dos veículos de informação reconhecem a responsabilidade da divulgação desse tipo de rotulo de violência em determinado área das cidades.

Quando se tem operação policial em áreas de classe baixa, percebe-se que os olhos dos veículos de comunicação estão todos voltados para esse local, esperando de certa forma algum tipo de confronto que venha resultar em tiroteio e mortes de civis e agentes da segurança pública. Jornalistas em locais estratégicos, junto com a polícia usando coletes, enfrentando um perigo real isso com o objetivo de informar os fatos in loco.

Por isso que no mesmo dia ou no outro quando se vem a veicular o ocorrido na favela se tem apenas um lado da história, o lado visto pela ótica da polícia e dos jornalistas que fizeram parte da operação. Quando se tenta ouvir a outra versão dos fatos, no caso dos moradores da favela se encontra um clima de hostilidade por parte

deles com a imprensa.

Em seu livro *Mídia e Violência* Ramos e Paiva, realizou entrevistas com vários jornalistas de diversos meios de veículos de comunicação e eles relataram as dificuldades que eles têm de adentrar nesses locais e entrevistarem os moradores destas áreas de conflitos.

Ramos e Paiva (2007) cita parte do dialogo desses jornalistas:

A maior parte dos entrevistados cita as dificuldades para entrar e circular nas favelas como o grande empecilho para a cobertura. Com a ocupação desses espaços por grupos armados, ligados ao tráfico de drogas ou outras atividades criminosas, é necessário anunciar a presença da imprensa e pedir autorização a algum representante do poder local para fazer a reportagem. A negociação pode acontecer através da associação de moradores ou mesmo de contato direto com soldados dos traficantes (RAMOS E PAIVA, 2007, p. 81).

Deve ser por isso que é mais fácil de certa maneira questionar a abordagem da polícia realizada naquele local por parte dos veículos de imprensa, deste lado há um comandante ou responsável, que irá falar como foi o trabalho da polícia, o que deu certo e o que deu errado. Já o outro lado da história fica difícil escutar já que geralmente infratores da lei não gostam de dar entrevista.

Outro fato que pode deve ser abordado aqui e como a mídia trata o lado pobre e o lado rico quando se é noticiado. Quando tem homicídio em uma zona da cidade considerada precária ocupa bem menos espaço nos jornais do que se o homicídio fosse realizado em uma área nobre da cidade. Isso se deve ao fato de que notícias envolvendo a camada da classe média de uma sociedade chama bem mais atenção do que a morte de uma pessoa na favela. É mais corriqueiro ter morte violenta na favela do que ter homicídio em bairro nobre, por isso a cobertura é maior.

Quando se é noticiado uma notícia ou uma matéria com determinada pessoa, fica evidente o quão a mídia tem a sua parcela de contribuição em relação a isso. Vamos aos fatos, quando se vai entrevistar uma pessoa de área nobre e outra de área periférica se dá para notar o diferente tratamento que se é dado para essas pessoas.

Sobre esse tratamento diferenciado de classes, que a mídia faz, Paiva e Ramos (2007) fala sobre o assunto:

[...] mais do que qualquer outra instituição, para a consolidação e a difusão de conceitos estereotipados. Ela o faz, por exemplo, nas fotografias, quando apresenta os pobres sempre nas piores condições. Para dar entrevista, o intelectual se arruma e tira a foto ao lado da biblioteca [...]. Mas, ao retratar os pobres, prefere-se mostra-los malvestidos, despenteados, cercados por crianças sujas, com aspecto de malcuidadas (PAIVA E RAMOS, 2007, p. 98).

É de fato os crimes nessas áreas são mais corriqueiros devido ao grande contingente de pessoas que moram nessas regiões e muitos vivem de forma precária, grande parte da mídia divulga notícias boas sobre esses locais, só que basta ter uma notícia crime, essa vira a pauta do dia sobrepondo a cobertura que noticiava segmentos culturais na favela.

Antes de falar sobre os Aglomerados Subnormais que existem no Brasil, cabe salientar o que significa esse título. De acordo com o IBGE (2010) Aglomerado Subnormal é:

É o conjunto constituído por 51 ou mais unidades habitacionais caracterizadas por ausência de título de propriedade e pelo menos uma das características abaixo: Irregularidades das vias de circulação e do tamanho e forma dos lotes e/ou, carência de serviços públicos essenciais (como coleta de lixo, rede de esgoto, rede de água, energia elétrica e iluminação pública) (IBGE, 2010, p. 18).

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Abaixo será colocada uma tabela do censo do IBGE de 2010 a respeito da quantidade de aglomerados subnormais que existem pelo País. Aglomerados subnormais identificados.

Tabela 1: Aglomerados subnormais, segundo o número de setores censitários componentes - 2010

Número de setores censitários componentes	Aglomerados subnormais	
	Total	Percentual (%)
Total	6 329	100,0
1 setor	3 595	56,8
2 setores	1 231	19,5
3 setores	496	7,8
4 a 6 setores	596	9,4
7 a 10 setores	215	3,4

Fonte: IBGE

O que é interessante notar na tabela acima é a quantidade de Aglomerado subnormais que existe de acordo com o censo 2010. Existem 6.329 favelas, comunidades e outros. Esses setores censitários correspondem às áreas de cada

região do Brasil. Por exemplo o setor 1 corresponde a Estados como São Paulo, Rio de Janeiro, que pertencem a Região Sudeste do País.

Essa crescente onda de violência se deve ao fato de condições precárias em que se vive uma considerável parcela da população das grandes capitais do País, segundo o senso do IBGE (2010), 5.5% da população vivem em aglomerados subnormais, que são conhecidos como favelas, invasões, grotas, baixadas, comunidades, vilas dentre outras nomenclaturas. Camadas da população que vivem em alguns casos sem condições e o mínimo de saneamento básico, educação, saúde.

Isso afeta diretamente na taxa de crimes que incidem nessas áreas, já que a ausência do poder público e de uma gestão pública de qualidade e precária e ineficiente. Isso vem a refletir nos índices de crimes praticados e sofridos por grande parte dessa população que vivem nessas áreas.

Vamos aos números: Segundo o Mapa de Anuário de Violência o Brasil no ano de 2016 teve 7 pessoas assassinadas por hora. 61.283 mortes violentas intencionais. Um crescimento de 4% em relação ao ano de 2015. As maiores taxas de homicídio por 100 mil habitantes foram no estado de Sergipe, Rio Grande do Norte e Alagoas. (11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública).

O Estado de Rio Grande do Norte que fica no Nordeste do País, por exemplo, de acordo com o senso do IBGE relata que, aproximadamente 10% da população vivem em favelas. A população do Estado é de mais de 800 mil habitantes, isso quer dizer que 80 mil pessoas vivem em condições precárias e de certa forma sem o mínimo básico de assistência (IBGE, CENSO, 2010).

Isso foi apenas uma amostra de alguns dados de populações que vivem em condições precárias que foi apresentado nesse trabalho para que seja explanado o numero de ocorrências policiais com maior índice e com frequência divulgação pelos canais de comunicação.

De alguma forma as comunidades carentes só recebem essa devida atenção quando acontece algum tipo de crime de repercussão da mídia. Segundo Paiva e Ramos (2007) diz que esse tipo de fato é um dos poucos momentos em que se volta à atenção para essas comunidades carentes de auxílio pelo poder público.

Por mais que o assunto que chega através da mídia sobre as comunidades carentes seja a violência e a insegurança que afeta essas pessoas, Paiva e Ramos (2007) diz que:

Não se pode negar, entretanto, algumas funções da crônica policial. O noticiário sobre crimes é um dos poucos espaços nos jornais que registram o cotidiano das áreas pobres, onde os índices de homicídios são muito mais altos do que os de bairros nobres (PAIVA E RAMOS, 2007, p. 85).

O Estado do Rio Grande do Norte foi citado como exemplo pois, a região Nordeste do País é a que mais sofre com a crescente onda de violência. Mais Estados das regiões Norte e Centro Oeste o número é preocupante. No ano de 2016 houve 2.666 pessoas morreram vítimas de latrocínio, um crescimento de 50% entre os anos de 2010 e 2016. As maiores taxas foram do Estado de Goiás, Pará e Amapá com taxas por 100 mil habitantes de 2,8,2,7 e 2,4 respectivamente de pessoas mortas por esse tipo de crime (11º Anuário Brasileiro de Segurança Pública).

Cabe então a mídia achar um meio termo de como ela irá divulgar as notícias desta comunidade menos favorecida pelo poder público. Mostrar se possíveis coisas positivas que acontecem no interior destas favelas, como projetos sociais, ONG'S voltadas para a cultura, lazer e o esporte.

Sim, tem notícias boas que podem ser divulgadas pela mídia, logicamente que não se deve mascarar a realidade, portanto em um País em que a taxa de homicídios está em níveis elevadíssimos e aqueles responsáveis por propagarem essas informações não se devem omitir se de noticiarem elas, mas sim de forma consciente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência que está presente cada vez mais no cotidiano da sociedade brasileira, cada vez mais o medo toma conta, a notícia chega cada vez mais rápido ao destino final trazendo essa sensação de insegurança. O sensacionalismo que parte da mídia faz quando o tema é de grande repercussão ajuda a transparecer essa insegurança, que de fato é uma realidade, só não se pode fazer disso uma sensação de terror e caos conforme e transparecido através das notícias que são passados pela mídia.

O trabalho que a atividade policial desenvolve é constantemente noticiado e debatido em programas de televisão, debates em rádios e artigos de jornais. Esse caos que a política de segurança pública vem sofrendo em todo território nacional não é de total culpa somente da ineficácia da falta ou ausência da polícia agindo em combate a essa violência que é real, que vem dizimando famílias principalmente nas

camadas da população de baixa renda.

Políticas públicas em relação a todas as áreas da sociedade, segurança pública não pode ser o carro chefe para a solução de todos esses problemas de insegurança, medo e transtorno em que se vive. O que se deve fazer é ter educação, saúde, cultura, lazer para a população, pode parecer e soar como clichê, mas é um jeito de que a um longo prazo evite se que a sociedade viva refém do caos que se instala.

O papel da mídia é sim o de noticiar o que ocorre diariamente, o que não se pode fazer é criar o pavor e medo, dizendo em seus noticiários que está cada vez mais difícil viver em sociedade. O alcance que o poder midiático é imensurável, portanto todo cuidado deve ser tomado para que notícias não sejam deturpadas e que quando chegarem ao consumidor final seja entendida de uma maneira que se subentende que é o perigo e iminente, mas não a ponto de se parar de viver refém de um sistema.

É de suma importância quando a mídia leva a informação para sociedade, o interessante é que ela chegue de forma imparcial e descrevendo o que está acontecendo. E que ela aceite críticas e opinião contrária delas, mantendo assim uma democracia de opiniões. Isso é importante para a nossa atividade policial, pois assim temos o direito de resposta sobre possíveis falácias ditas e propagadas por pessoas que só querem o seu ibope subir.

A informação não pode ser suprimida nem aumentada, ela deve ser apresentada de uma maneira transparente de fácil entendimento e que não venha a deixar margens para possíveis notícias alarmantes e que preocupam o telespectador. Imparcialidade e veracidade são os deveres daqueles que são responsáveis pela transmissão dessa informação diária que parte da população tem acesso.

REFÊRENCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **A “revisão bibliográfica” em teses e dissertações: meus tipos inesquecíveis** – o retorno. In: BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (Org.). *A bússola do escrever: desafios e estratégias na orientação de teses e dissertações*. São Paulo: Cortez, 2002. p. 25-44

ANGRIMANI SOBRINHO, Danilo. **ESPUME QUE SAI SANGUE UM ESTUDO DO SENSACIONALISMO NA IMPRENSA**. São Paulo: Summus, 1995. 151 p.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. França: Projeto Periferia, 2003. 169 p..

ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO E IMAGEM, 2014, Londrina. **A violência invisível nos programas policiais**. Londrina: Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - Encoi Mestrado em Comunicação, 2014. 13 p.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública**. São Paulo: Desconhecida, 2017. 108 p.

GUARESCHI, Pedrinho A. (Coord.). **Comunicação e controle social**. Petrópolis: Vozes, 1991.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **ISSN 0104-3145: Aglomerados Subnormais Informações Territoriais**. Brasil: IBGE, 2010. 23 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/552/cd_2010_agasn_if.pdf>. Acesso em: 23 mai. 2018.

KLEIN, Alberto. **Imagens de culto e imagens da mídia**. Porto Alegre: Sulina, 2006. Notas de aula. Disciplina Teorias da Imagem.

MACRON, Paula. **CRIME & MÍDIA: a influência midiática negativa na atuação do sistema punitivo brasileiro**. 2015. 41 f. TCC (Graduação) - Curso de Direito, Dcjs - Departamento de Ciências Jurídicas e Sociais, Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Unijuí, Rio Grande do Sul, 2015.

MELO, José Marques de et al (Ed.). **Enciclopédia INTERCON de Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2010. 1242 p.

RAMOS, Sílvia; PAIVA, Anabela. **Mídia e violência: novas tendências na cobertura de criminalidade e segurança no Brasil**. Rio de Janeiro: Desconhecida, 2007. 192 p.

RIBEIRO, Elthon Ferreira. **Os principais programas policiais da televisão brasileira e a relação com os anunciantes na atualidade**. 2016. 14 f. TCC (Graduação) - Curso de Comunicação Social Com Habilitação em Jornalismo, Universidade Estadual da Paraíba, Paraíba, 2016.